



**PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA**

OS CACTOS

peça teatral de autoria de Emmanuel Nogueira

vencedora, em 1º lugar, do

4º Concurso Nacional de Dramaturgia - Prêmio Carlos Carvalho/2002

IMPORTANTE: Conforme o edital do Prêmio Carlos Carvalho / Auxílio-Montagem, concurso nº 17/10, processo nº 001.044122.10.1, item 2.4. *“Os direitos autorais para montagem das peças teatrais, que são objeto do prêmio de auxílio-montagem, estão liberados pelos próprios autores”,* exclusivamente, *“nas datas para as apresentações gratuitas previstas no item 1.1 deste edital”* (15, 16, 17, 22, 23 e 24 de julho de 2011), *“sem ônus para o Município e para os encenadores”,* após essas datas, a liberação para novas apresentações estará sujeita a novo acordo a ser realizado diretamente entre autores e encenadores. Qualquer infração aos direitos autorais estará sujeita à legislação vigente no País.

Os cactos

peça teatral em quatro atos
de Emmanuel Nogueira

PERSONAGENS:

Belfort, militar

Ana, filha de Belfort

Pedro, revolucionário

Bia, mãe do Pedro

Ivana, tia do Pedro

Isaac, filho de Ana e Pedro

PRÓLOGO

Boca da cena. Tempo presente.

Brasil, algumas décadas após o Ato Institucional n.º 5 (AI-5) em 1968.

Cemitério. Fim de tarde. Isaac, jovem, paletó desarrumado, cuida do jazigo onde estão enterrados alguns pertences do seu pai.

Isaac

Trouxe mais cactos. Sei que gosta. Ela não vem mais. O que viu já basta, foi o que ela disse. *(Respira forte)* Ela sente muito a sua falta. Por que inventou essa tolice de revolução? *(Breve silêncio)* Esse troço de socialismo nunca existiu. Como vocês foram cair nessa?

Entra Belfort, militar aposentado.

Belfort

Boa tarde?

Isaac

Não muito boa. O sol não dá trégua.

Belfort

Melhor assim, aqui fica mais sossegado.

Isaac

(Acendendo um cigarro) Fuma?

Belfort

Minha religião não permite.

Isaac

Faz bem.

Belfort

E por que não larga mão?

Isaac

O trabalho não deixa. (*Tragando*) Isso aqui ajuda a relaxar. A fazer o que tem que ser feito.

Belfort

Faz tempo?

Isaac

Que fumo?

Belfort

Não, que vem aqui.

Isaac

Não muito.

Belfort

(*Apontando para a lápide*) Veio zelar pela alma de quem?

Isaac

Era para ter sido o meu pai, não foi, não teve tempo.

Belfort

Não entendi.

Isaac

Estão mexendo no passado. O governo quer saber quem são os desaparecidos políticos. Meu pai foi um deles. É um homem que tem passado, mas não tem corpo.

Belfort

(*Irritado*) Perda de tempo. É o futuro que interessa. Neste País só se fala no passado. Desperdício de tempo.

Isaac

Minha mãe quis assim. Está aí tudo o que restou dele: alguns livros e uma medalha do ginásio.

Belfort

Esse governo quer acabar com o nacionalismo...

Isaac

Não entendo de política.

Belfort

Faz bem. A política é um veneno que seu próprio feiticeiro desconhece.

Isaac

Sei que ele desapareceu quando os militares mandavam no Brasil, se é que o senhor me entende.

Belfort

(Agitado) Teria sido pior, bem pior, se os militares não tivessem agido.

Isaac

Ele queria salvar o Brasil.

Belfort

Só os fracos precisam de heróis. Precisamos é de ordem. Os militares afrouxaram. E aí, deu no que deu. Querem culpar os militares por tudo.

Isaac

Quem se importa?

Silêncio

Belfort

Meu parceiro de dama faltou hoje, quer me acompanhar?

Isaac

Se o senhor não se importar de perder.

Belfort

Eu nunca perco.

Isaac

Vamos ver, então.

Eles começam a armar o tabuleiro de dama. O diálogo segue de modo espaçado, enquanto jogam.

Belfort

Você é ajuizado. Quantos anos tem?

Isaac

Perto dos trinta.

Belfort

É uma boa fase. Hora de construir o futuro. E pensar que há alguns anos atrás estávamos metidos numa tremenda confusão.

Isaac

(Divertindo-se) Preste atenção no jogo para não vim com desculpas depois.

Belfort

Enfrentamos uma juventude sem rumo, cega, perdida. Você é a prova de que nossa luta não foi em vão. O mal perdeu. Deus estava do nosso lado.

Isaac

O quê? Dama!

Belfort

(Contra-ataca no jogo) Dama!

Isaac

O senhor é um bom adversário.

Belfort

Como o tempo passa rápido. Nem imagina, meu jovem. É tudo muito rápido. Parece que foi ontem aquela noite.

Isaac

Que noite?

Belfort

A da revolução, meu jovem. Eu participei da revolução de 64. Lutei pelo bem dessa nação. Era uma madrugada fria e silenciosa. Parecia que nada ia acontecer, mas aconteceu.

1º ATO**Cena 1**

Primeiro plano. Tempo passado.

Brasil, fim do ano de 1968. Madrugada. Toques de clarinetas desfilam o hino nacional.

Quarto de Pedro: militante, trotskista, ideólogo.

Bia vaga pelo quarto do Pedro, seu filho. Ajeita a cama. Dobra as roupas engomadas. Bate a poeira. Dá vida à rotina. Bia senta-se na cama. Pega o retrato do filho.

Bia

(Em tom de oração) O que fizeram de você, meu filho? É um menino... só isso. Que nada de mal seja feito a você. Não fez nada.

Breve silêncio. Ivana surge na penumbra.

Ivana

Já está de pé? Não é hora. Mais um de seus pesadelos?

Bia

Não preguei os olhos.

Ivana

O desmantelo! Parece um zumbi se arrastando pela casa.

Bia

Levaram ele, Iva.

Ivana

(Abrandando) Levaram quem, Bia?

Bia

É um aperto, Iva. Um maldizer ruindo no ouvido. Olhe o quarto dele todo arrumado. Dessa vez aconteceu. Eu sabia...

Ivana

Deixe de agouro, Bia. Basta o Pedro atrasar um minuto e você já vem de novo com essa história.

Bia

Não se iluda. Essa paz que ninguém sabe de nada é pior do que a guerra.

Ivana

Daqui a pouco Pedro volta.

Bia

Por que você diz sempre a mesma coisa?

Ivana

Não faz tanto tempo assim...

Bia

Para mim faz uma eternidade. A cama feita esperando por ele. O jantar de ontem estragou.

Ivana

Venha deitar um pouco.

Bia

Quero não.

Ivana

Ainda nem amanheceu direito.

Bia

Estou com o meu coração nos dentes, mas é melhor assim... o tempo passando devagar.

Ivana

Vou fazer o café. É preocupação além da conta. Ninguém segura os jovens. São cavalos sem rédeas.

Bia

Sou mãe, não quero saber dessa coisa de juventude.

Ivana

E o café?

Bia pega a foto e leva à parede. Contempla-a.

Bia

Vinte e dois anos e nem sabe direito o que é a vida.

Ivana

Sabe muito bem. É um homem feito.

Bia

Você não é mãe.

Ivana

Sou tia. Vi crescer um homem com coragem. É com o coração que se movem os pés. E isso seu filho tem.

Bia

Idéias demais levam aonde, heim? Cadê o meu filho?

Ivana

Pare de pensar no pior.

Bia

Pelo bem do meu menino eu seria capaz de andar num deserto em brasas, sabe disso.

Ivana

Então, fique quieta. É o melhor que pode fazer por ele e por mim.

Bia

Diga como...

Ivana

Essa sua danação empesta tudo. Daqui a pouco perco o resto de juízo.

Bia

Quer saber? Não me importo de ficar rezando para estas paredes brancas.

Ivana

Vou fazer o café.

Ivana sai, insatisfeita. Bia permanece acomodando a rotina do quarto do filho.

Cena 2

Segundo Plano.

Quarto quase abandonado para dias de refúgio.

Luz em Pedro e Ana.

Por trás da cena, cães ladram, tanques e tiros cravam o chão rosado da aurora.

Pedro

Putá merda! E agora? Estamos cercados. Há militar em tudo que é buraco.

Ana

Vamos fazer assim. Você se esconde, e eu fico. Eu não corro perigo. Sou filha de militar. Vão acreditar em qualquer história que eu inventar.

Pedro

De jeito nenhum, Ana.

Ana

Acha que vou deixar que arrastem você como um cão raivoso?

Pedro

É a única saída.

Ana

Que se dane tudo. Agora, é a tua vida que corre perigo.

Pedro

Não posso esquecer os companheiros só porque os bostas que vestem farda estão lá fora.

Ana

Não quero nem pensar.

Pedro

Só precisamos resistir mais uns dias. Eles vão ceder... negociar.

Ana

Perdeu os miolos? Daqui a pouco, arrebentam esta porta e levam você sabe Deus aonde.

Pedro

Ana... ninguém tem culpa se a coisa melou.

Ana

Mas Pedro, meu amor...

Pedro

Acha que vou andar de cabeça baixa pro resto da minha vida?

Ana

Não quero perder você.

Pedro

(Depois de uma breve pausa) Há um plano e vamos segui-lo... é só isso.

Ana

Pensa, vai, pensa... Agora, é a tua cabeça que vai pra forca.

Brumoso silêncio.

Pedro

Estou sendo sensato.

Ana

Imagina o que vai acontecer com você?

Pedro

(Com convicção revolucionária) Pára de pensar só em nós dois. É pelo povo, Ana. Se nada for feito, o Brasil vai encalhar num mar de lama.

Ana

E quando vou te ver novamente?

Pedro

Não seja fatalista. Vá, Ana. Não se derruba um inimigo com lágrimas.

Ana

Você me ama?

Pedro

É por isso que estamos juntos nesta causa.

Ana

E fica aí pensando nos companheiros.

Pedro

Sabe que não posso fechar meus olhos para a luta.

Ana

Então, fecho os meus?

Pedro

Há sempre um novo dia perdido na escuridão. Nossa manhã não custa mais.

Ana vacila entre a saída e o esconderijo: oculta-se.

Pedro

Pronto! Palavras demais enfraquecem a coragem. (*Em atônita descoberta*) Merda! E a minha mãe?

Os guardas invadem o quarto.

Cena 3

Primeiro Plano.

Bia ainda está no quarto do filho. Ela alimenta uma pequena cultura de cactos.

Bia

Bom dia, meninos. Já já Pedrinho chega. Ele vai adorar ver vocês assim... bonitos. Vai ficar orgulhoso de mim. Ele puxou ao pai. Augusto sempre gostou de cacto. Dizia que era bonito e resistente. Ensinou meu filho, ainda pequeno, a cuidar de vocês.

Entra Ivana.

Ivana

Largue mão de falar só. Não quis nem tomar café. Vamos ao jardim.

Sem obter respostas.

Ivana

Abre a janela desse quarto. Você não pode morar nesse quarto pro resto da vida.

O silêncio de Bia ainda impera.

Ivana

Não sei o que fazer para o almoço. O que você quer comer?

Bia

(Ríspida) Eu lá tenho cabeça para pensar em comida.

Longa pausa.

Ivana

(Desconversa) Que beleza de cactos.

Bia

Sabem viver, Ivana. Basta um pingo d'água, uma brecha de sol e estão satisfeitos. Meu filho sempre pede para olhar por eles. Dessa vez, nem isso.

Som de campainha.

Bia

(Em súbito arrebatamento de alegria) É ele. Ai... é ele.

Bia vai à porta, eufórica. Retorna desolada.

Bia

Não era ninguém.

Ivana

É essa meninada que não tem o que fazer. Se fosse ele... para que tocar na campainha?

Bia

Sei lá. Este silêncio só traz agonia. Parece até o dia do juízo final. Não se ouve um ai.

Ivana

Vai ver que ele precisou se distrair um pouco. Visitar algum amigo fora.

Bia

Pedrinho não é disso. Sempre avisa.

Ivana

Sei lá, não me deixe nervosa. Lamúria, lamúria, pra quê? Ele é homem. Sabe se cuidar.

Bia

Às vezes, Iva, quero atinar que é só um pesadelo. Mas sinto uma gastura. Uma sensação de que meu peito vai se partir no meio. Daí (*vomita*)...

Ivana

Vou fazer um chá.

Pausa.

Bia

Deixa, não precisa. Pior é essa escuridão.

Ivana

Vamos cuidar do almoço.

Bia

Ontem matutei, sabe Iva.

Ivana

(*Impaciente*) O que, dona Beatriz Alvarez?

Bia

Meu filho não voltou porque perdeu a visão, ficou cego.

Ivana

Ô maluquice! Não me bote mais dor do que já vivo.

Bia

Pois é assim que vejo meu filho: cego.

Ivana

Não e não. Deus não vai fazer uma coisa dessa com a gente.

Cena 4

Segundo Plano.

Quarto de tortura.

Pedro está com a cabeça encoberta sobre um saco. Entra Belfort, menos envelhecido, gestos polidos, fardado, bíblia em punho, observa-o.

Belfort

Bom-dia.

Pedro vira-se, procurando seu interlocutor.

Belfort

Teve uma boa recepção? Já lhe serviram o café?

Caminha em volta de Pedro como alguém que estuda o inimigo.

Belfort

É a fé, seu comunista, somente a fé, que abre todas as portas. *(Breve silêncio)*
Vocês pensam que é possível viver com o coração fechado? Não é não.

Pedro

Estou com sede.

Belfort

Precisamos nos entender. Falar a mesma língua. Há uma Babel em cada porão. Se todos vivessem o amor da palavra de Jesus, o mundo seria um mundo de irmãos. Qual seu nome?

Pedro silencia. Recebe uma bofetada.

Belfort

Quem diz a hora de calar ou falar sou eu, eu que mando nesta merda.

Dá alguns passos para destilar sua cólera.

Belfort

(Tranquilo) Basta abrir seu coração para a verdade que nada vai faltar. Pode começar dizendo o seu nome. *(Breve silêncio)* Como? Estou ouvindo. Não lembra? Deixa eu ajudar. Aqui, diz que você é Pedro.

Pedro

Quando vou poder voltar para minha casa?

Belfort

Espera os abutres esganarem de fome. Pensa que está de férias, é? Aliás, sabe por que os abutres sobrevivem? *(Silêncio)* Não? Não sabe? É porque são capazes de rastejar no meio da podridão feito ratos e voar alto como os anjos. Os abutres sabem aproveitar o que há de melhor e pior neste mundo. Se quer sair vivo desse porão, aprenda isto. Coloque os pés na lama para não perder a sua cabeça.

Pedro

Quero água.

Belfort aperta o capuz, deixando Pedro, por alguns instantes, sem oxigênio.

Belfort

(Brusco) Desgraçado! Nós temos todos os nomes. Vou perguntar mais uma vez: você é Pedro?

Pedro tosse.

Belfort

E, por acaso, conhece algum amigo com nome de Gurjão, Henrique Gurjão?

Pedro

(Recuperando o fôlego) Não.

Belfort

Ferreira? Francisco Tomás Ferreira?

Pedro

Não.

Belfort

Pois eles conhecem você. Os mela-cuecas dos seus amigos abriram a boca por muito menos. Eles deduraram você. Devia ter visto. Um aperto de nada e cagaram nas calças.

Pedro

Não acredito.

Belfort

Que se dane a sua crença sem religião. Eles entregaram você de bandeja, é um fato. Você está preso e só, é outro fato. Daqui pra frente ou se agarra com Deus ou lambe as minhas botas.

Pedro

São duas portas fechadas.

Belfort

(Benzendo-se. Calmo) Jesus é misericórdia, seu desgraçado.

Pedro

Antes que encontre a salvação, posso tomar água?

Belfort

Vou fazer mais uma pergunta. *(Com esmero)* Ouviu falar em Ana?

Pedro

(Baixo) Não...

Belfort

O que disse?

Pedro

Não, não ouvi.

Belfort

(Aperta-lhe o capuz mais uma vez. Longa pausa.) Vou refazer a pergunta. Seus companheiros disseram que você sabia onde Ana estava. Por isso, continuam vivos. Agora, só depende de você. O nome dela é Ana Rosa Belfort. Alguma lembrança?

Pedro

(Recuperando o fôlego) Nenhuma.

Belfort

Estranho, não? Recebi um bilhete de Ana afirmando que tinha sido seqüestrada. Que os comunistas queriam negociar a liberdade dos comunistas presos, inclusive a sua, e você não sabe de nada. Você acha que eu estou louco? Que o sumiço dessa moça é uma invenção? Uma mentira?

Pedro

É a loucura que anda cercando todo mundo.

Belfort

Calado. Não estou aqui para ouvir suas palavras de ateu. Como pode viver sem acreditar em Deus? *(Depois de uma breve pausa)* Se disser o que sabe sobre Ana, dou a minha palavra que vai sair daqui com vida, mas se continuar com seu teatrinho de mentiras, juro que vai apodrecer neste porão. Ana, ouviu? A-na!

Pedro

Não sou covarde.

Belfort

(Irado) Não? Pois escute: “Se não falar será quebrado por dentro, pois nós sabemos fazer as coisas sem deixar marcas. Se sobreviver, jamais vai esquecer o preço dessa valentia”, seu merda.

Cena 5

Primeiro Plano.

Quarto do Pedro.

Bia está sossegada. Ivana dança e canta, acompanhando uma música da vitrola.

Bia

Quer fazer o favor de desligar isso.

Ivana faz ouvido de mercadora.

Bia

É o que acontece quando uma mulher não se casa.

Ivana alheia.

Bia

Coisa de moça velha. Sossegue o facho, Ivana.

Ivana

Andei fazendo minhas contas. Se você estiver de acordo, quero comprar uma geladeira azul da cor do céu.

Bia

É luxo sem precisão.

Ivana

Vamos aproveitar o tempo de fartura, Bia.

Bia

Fartura é tempo de paz.

Ivana

Tanto progresso, só pode ser milagre.

Bia

Que milagre? Tome jeito, Iva.

Ivana

E não é? A geladeira é um sonho. Quem gosta de tomar água quente e comer carne salgada o tempo todo? Deixe de ser cabeça dura. Um pouco de luxo diminui os desgostos da vida. (*Persuasiva*) Ah... se Pedro... ele ia adorar ter uma geladeira em casa.

Bia

(*Fisgada*) Será? Você acha que ele...

Ivana

Ainda tem dúvida? Ele adora sorvete, água gelada, cervejinha e... vai ser um enfeite a mais em casa.

Bia

Deixa meu menino chegar. Aí, peço a opinião dele.

Ivana

Larga mão de ser sovina. Vamos fazer uma surpresa.

Bia

Ele não gosta de luxo.

Ivana

Se você não quer agradar meu sobrinho...

Bia

Meu filho.

Ivana

Então.

Bia

(Rabugenta) Que danação... tá, tá bom. Quando a gente for ao mercado, dou uma olhada nesse tal de milagre. Mas nada de azul da cor do céu. É muito medonho. Só lembra caixão de anjo.

Ivana

Já vem você mandando em tudo. Ô mania feia.

Bia

Não sou mandona, acho isso um desrespeito. Desligue essa música. Está dando nos nervos.

Ivana

Dançar em casa não paga imposto.

Bia

Também... ilusão não enche barriga.

Ivana

Me deixe.

Bia

Não estou com cabeça.

Ivana

(Desligando) Sim, sim... senão daqui a pouco você começa a me jogar na cara mais uma vez que sou uma encalhada.

Bia

Parece até que você gosta de ouvir isso.

Ivana

Me bateu uma alegria. Sei que vamos ter boas notícias, em breve.

Curto silêncio.

Bia

Quero sossegar antes da gente ir ao centro da cidade olhar o seu milagre.

Ivana

(Animada) Bia, vamos comprar uns vestidos. Está na moda umas estampas floridas.

Bia

Para quê?

Ivana

Roupa nova deixa a gente mais bonita.

Bia

E eu lá tenho gosto para a vaidade.

Ivana

Vou me ajeitar. Espero que você mude de idéia.

Bia

Vá, vá... não demore. Não quero que meu menino encontre a casa abandonada.

Cena 6

Segundo Plano.

Quarto de tortura. Pedro devaneia.

Ele está de cuecas, corpo machucado, capuz sobre a cabeça, braços suspensos e pés amarrados. Entra Ana. Riso pueril. Passos leves. Vai em direção a Pedro.

Pedro

(Numa mistura de euforia, surpresa e devaneio) Ana? Ana? É você?

Ana

Sim, meu amor.

Pedro

Venceremos, Ana.

Ana

Eu sei.

Pedro

Venceremos pelo bem de todos os filhos desta nação.

Ana

O poder está cego.

Pedro

Não arredo o pé nem que tenha que derrubar um Golias a cada dia.

Ana

Eles são capazes de tudo.

Pedro

Não há gigantes invencíveis.

Ana

Eles não têm sentimentos.

Pedro.

É uma fraqueza a mais.

Ana

Uma fraqueza feita de pedra.

Pedro

De que vale viver se não for para fazer o mundo melhor?

Curta pausa.

Ana

E os companheiros?

Pedro

Estamos resistindo. Não há batalha sem sacrifícios.

Ana

Não fale assim.

Pedro

Estou preparado, Ana.

Ana

(*Terna*) Eu ainda não sei como acordar distante das tuas palavras.

Pedro

Adoro suas mentiras.

Riem.

Ana

Ainda vamos rir muito quando este dia passar. Você vai deixar de odiar o meu pai.

Pedro

Eu não odeio seu pai.

Ana

Não minta só para me agradar.

Pedro

Se quer mesmo saber, tenho pena dele.

Ana

Meu pai vai entender.

Pedro

Nem morto.

Ana

Não diga isso. Ele não conhece você. Você não sabe quem ele é. E meu pai tem um coração de geléia por trás da armadura.

Pedro

Ele está sempre de armadura.

Ana

Escrevi um bilhete dizendo que fui seqüestrada. Meu pai vai acreditar. Vai libertar você. Depois disso seremos mais felizes.

Pedro

Eu te amo, Ana.

Se beijam. Ana sai. Pedro fala como se estivesse acordando de um sonho.

Pedro

Ana? Ana? É você? Não vá. Não me deixe.

2º ATO

Cena 1

Boca da cena. Tempo Presente.

Cemitério.

Isaac e Belfort continuam a partida de damas e a conversa, espaçada.

Belfort

Hoje, todo mundo quer pousar de herói. Vi muitos companheiros trair companheiros. Covardes e cagões se escondendo por trás de mentiras.

Isaac

Por mim passava uma borracha bem grande nisso tudo. A vida tem que ser daqui pra frente.

Belfort

No Brasil, tem que se encontrar culpado para tudo. Não houve culpado. Havia uma guerra, e não há guerra sem vítimas.

Isaac

Tempo perdido querer justiça para todos. Nunca teve isso no mundo.

Belfort

Dama. Mais uma, e você perde.

Isaac

E agora?

Belfort

Dê por perdida...

Isaac

Nada disso.

Belfort

Vem sempre aqui?

Isaac

Raramente. Só apareço porque sei que minha mãe gosta.

Belfort

Eu sempre venho, gosto de trazer flores para minha esposa. Ela morreu jovem, a gente fica achando que não era hora.

Isaac

(Rindo) Dama.

Curta pausa.

Belfort

Você é um bom jogador.

Isaac

Gosta de cactos?

Belfort

Cactos? Não sei, nunca prestei atenção direito.

Isaac

São bonitos e resistentes. Duas qualidades raras, diz minha mãe.

Belfort

Olhando bem, acho estranho. Parecem tartarugas com espinhos.

Isaac

Dão pouco trabalho. Se quiser, dou um para o senhor. Pode usar no lugar das flores.

Belfort

Não, melhor não. As flores têm menos espinhos e mais perfume.

Isaac

O senhor é um poeta?

Belfort

Gosto muito de poesia. Florbela Espanca é minha preferida, conhece?

Isaac

Ah, não. Não gasto meu tempo com isso.

Belfort

E o que faz?

Isaac

Banco, gerente. E o senhor?

Belfort

Já trabalhei muito. Hoje, vivo aí, contando os dias.

Isaac

É um privilegiado.

Belfort

E os cactos... é você que cuida?

Isaac

Eu e a minha mãe, foi ela que me ensinou.

Belfort

Também conheci uma pessoa que gostava muito de cactos.

Isaac

Quem era?

Belfort

Era um jovem cheio de coragem.

Cena 2

Primeiro Plano. Tempo passado.

Deteriorada varanda à beira da tarde.

Ivana e Bia parecem mais velhas. Ivana usa uma maquiagem forte, denotando sua face vaidosa. Bia, mais contida. Elas se preparam para ir às compras.

Ivana

A geladeira pode ser azul da cor do céu?

Bia

É uma cor apagada, já disse.

Ivana

Que birra. Se prende às suas idéias como carrapato em cachorro. Quando vai deixar de discordar de tudo que não gosta.

Bia

Não sou assim.

Ivana

E o vestido novo, já pensou?

Bia

Ora, já passei e muito da idade de ficar namorando com os espelhos.

Ivana

Vamos Bia, a gente merece uma chance. Ia ser bonito ver você enfiada num vestido novo.

Bia

Nem amarrada.

Ivana

Quero ver se você vai resistir às belezocas que estão na moda.

Bia

Não ando atrás de marido como você.

Ivana

Eu?

Bia

Vamos logo. Não quero perder tempo. Daqui a pouco, meu menino volta e dá com a casa vazia, enquanto duas malucas se descabelam atrás de uma geringonça azul.

Ivana

(Tomada de alegria) Azul? Obrigada, Bia. Pedro vai gostar tanto.

Bia

Então, vamos.

Ivana

Sim, vamos.

Vão saindo, Bia pára. Faz cara de reflexão.

Bia

Trancou a porta da cozinha?

Ivana

(Incipiente desconfiança) Com todas as travas, cadeados e fechaduras.

Bia

E as janelas?

Ivana

Cerradas.

Bia

Vou ver se o fogão...

Paulatinamente, Ivana vai desanimando.

Ivana

Eu mesma cuidei de tudo.

Bia

Vou olhar de novo.

Ivana

Não perca mais tempo. Vamos... antes que o sol desapareça.

Bia

E o quarto de Pedro?

Ivana

Em ordem como há dez anos.

Bia

E os cactos?

Ivana

Não precisam de tantos cuidados.

Bia

Vamos fazer assim...

Ivana

Assim não, Bia.

Bia

Você vai e compra a geladeira da cor que quiser. Compre o vestido que quiser. Eu fico aqui. Vai que meu menino aparece. Deus me livre. Nunca ia me perdoar.

Ivana

Vai estragar tudo de novo, dona Beatriz?

Bia

Não posso deixar essa casa.

Ivana

Vai ser bom para nós duas. Venha, vamos...

Bia, sem dar atenção às exclamações da cunhada, volta e senta em um banco à beira da sombra.

Bia

Não estou proibindo que você vá.

Ivana

E o que vou fazer, heim? Me perder sozinha pelas ruas? Morrer de cuidados com você?

Bia

E há mal maior do que esses dias sem notícias? Nem o carteiro bate mais na porta.

Ivana

Também não vou.

Bia

Não é obrigada.

Ivana

Das minhas obrigações, eu é que sei.

Bia

E o que vai fazer?

Ivana

Eu sei lá.

Longa pausa. Ivana dá-se ao deleite de sentar ao lado da cunhada.

Bia

Será que meu menino tem namorada?

Ivana

Nunca vi Pedro com esses enxerimentos.

Bia

Queria que ele tivesse uma.

Ivana

É ele que tem que querer.

Bia

Sempre quis um neto.

Ivana

Pedro não vai cair nessa moleza de casa, comida e roupa lavada.

Bia

Huum, nem sabe como é bom. Quando o coração da gente se apaixona, bate uma cegueira boa, Ivana. Foi assim quando conheci Augusto, o anarquista do teu irmão.

Ivana

Pedro não é assim.

Bia

Não é?

Ivana

Não!

Bia

Antes fosse. De que servem aqueles livros escondidos.

Ivana

“Para a liberdade do pensamento, minha tia.” É o que Pedro sempre diz, esqueceu?

Bia

Toda a liberdade dele está enfiada num velho baú herdado do pai.

Ivana

Cada um tem a sua natureza. Não há quem mude isso.

Bia

Meu menino não teve tempo de descobrir a dele.

Ivana

Já nasceu com ela.

Bia

O Augusto tem muita culpa nisso. A teimosia dele botou o Pedro a perder.

Ivana

Quem pode acertar o que vem com o amanhã?

Bia

Ora, Iva. Não se pode é esperar que esse tal de destino bata na porta. Esse só vem anunciar a peste quando não se tem remédio.

Ivana

Pedro sempre se preocupou com os outros. É um homem com sentimentos.

Bia

Ele é um sonhador, Iva. Um sonhador.

Ivana

Pedro vai voltar, cedo ou tarde.

Longa pausa.

Bia

Que vento frio!

Ivana

Deve ser chuva. Benza Deus.

Cena 3

Segundo Plano.

Pedro, vestido, ainda está encapuzado. Entra Belfort, que traz água. Abre a Bíblia e reza silenciosamente. Belfort retira o capuz da cabeça de Pedro e estende um copo com água. Com voracidade, Pedro respira e bebe.

Pedro

Nunca havia reparado que tinha tanto gosto.

Belfort

Agradeça a Deus. Somos todos instrumentos da vontade Dele.

Pedro

Há quanto tempo estou aqui?

Belfort

Tempo suficiente para assombrar um gigante. E você não diz nada. Está completamente cego.

Pedro avança sobre a água. Belfort puxa-a para si.

Belfort

Chega!

Pausa.

Belfort

É casado?

Pedro

Não.

Belfort

Isso significa que não tem filhos?

Pedro

Ainda não.

Belfort

Isso quer dizer que desejava ser pai?

Pedro

É o natural.

Belfort

Se você tivesse filho, não ia estar metido nesta merda até o pescoço.

Pedro

Estou aqui por eles, que virão.

Belfort

Seu idiota, ainda não tem idade para saber que é melhor secar nesta cela do que perder de vista um filho.

Pedro

Posso imaginar.

Belfort

Pode não. Não é coisa que se imagina. É coisa que corta, corta tudo, por dentro e por fora, noite e dia. É o mesmo que engolir um prato de gilete a cada manhã.

Pedro

Já perdi o meu pai.

Belfort

É diferente. Esta é uma dor que encontra consolo até rápido demais. O filho, não. É uma sombra que acompanha a gente por toda a vida.

Pedro

Falou igual ao meu pai.

Belfort

Pois reze toda noite por ele, que não está mais sofrendo entre nós.

Pedro

Meu pai foi um milagre em minha vida, mas ainda tenho mãe.

Belfort

Reze três vezes mais para ela.

Pedro

Não sei se ajuda.

Belfort

Se pegue com o que puder.

Pedro

Estou firme.

Belfort

Você é jovem e muito tolo. Se tivesse uma família para cuidar, não estaria desperdiçando sua juventude com essa bosta de comunismo. Meu Deus, quanta tolice!

Pedro

E você?

Belfort

Me chame de senhor.

Pedro

Por que não está em casa, cuidando da família?

Breve silêncio.

Belfort

Porque imagino que você quer continuar vivo.

Pedro

Não sei como agradecer tamanha atenção.

Belfort

Vocês comunistas são uma praga. Ainda bem que a Marcha da Família com Cristo mostrou que a fé move montanhas e colocou este País nos eixos.

Pedro

Nunca deixaram a gente começar nossa história pelo começo. O Brasil já nasceu no dia seguinte. Falta o primeiro dia. Vocês não entendem, preferem ficar de joelhos para os imperialistas norte-americanos.

Belfort

Vá à merda, não entendo mesmo de Literatura. Se não quer salvar sua pele é uma decisão sua. Farei a minha parte. Se você não contribuir, vai morrer.

Longa pausa.

Pedro

Preciso de um favor.

Belfort

Não está em condições de pedir nada.

Pedro

Quero escrever uma carta para a minha mãe.

Belfort

Quer apodrecer, apodreça. E que leve toda a sua família com você, seu desgraçado.

Pedro

Ficar sem saber de nada. Ela não merece esse castigo.

Belfort

Não tenha esperança.

Pedro

Minha mãe não sabe o que aconteceu comigo. Esta carta é a última coisa que posso fazer por ela.

Belfort

Não fará.

Pedro

Ela não pode viver assim.

Belfort

Pois é assim que ela vai viver todos os dias, a não ser que você tenha sentimentos e diga o que sabe. Fale de Ana. Deve haver um rasgo de consciência por trás desse coração de pedra.

Longa pausa. Belfort circula pela sala. Observa Pedro. Coloca mais água que Pedro absorve com a mesma voracidade anterior.

Belfort

Minhas pernas já não agüentam mais subir e descer tantas escadas. Não voltarei mais a este porão. É minha última hora aqui. O que você diz?

Pedro

São quantos degraus?

Belfort

Mais do que minha idade pode agüentar.

Pedro

Sou inocente.

Belfort cospe-lhe na cara. Pausa.

Belfort

Quando eu cruzar aquela porta, vai ser o fim da boa hospitalidade. Vai começar a tua descida até o inferno. (*Reflete por alguns instantes*) Vejo que foi inútil, que roguei e falei com um animal irracional.

Pedro

Tenho fé.

Belfort

E qual é?

Pedro

Fé no homem. É o homem que faz esta vida melhor ou pior. Só a nós foi dado o direito de decidir. Agradeço ao meu pai essa lição.

Belfort

Eu odeio você, mas é pela fé em Deus que não posso deixar que o mal vença.

Pedro

Vou viver o que me foi dado para viver.

Belfort

Assim é o que você quer, se negando a aceitar Deus em seu coração.

Pedro

Foi o que nós decidimos.

Belfort

Eu sigo a luz das palavras sagradas.

Pedro

A nossa consciência é o melhor juiz.

Belfort

Espero que esteja em paz como eu estou com Deus. Você vai estar sozinho por muito tempo com sua consciência.

Pedro

Estou bem.

Belfort

Que Deus proteja sua alma, ingrato. Adeus.

Pedro

Vai bem mais tarde do que os outros dias.

Belfort

Está enganado. Os dias é que ficaram mais longos.

Pedro

E a carta? Posso...

Longa pausa. Belfort coloca uma caneta sobre a mesa.

Belfort

Não é a coisa certa, mas vou dar mais uma chance para você se livrar dos seus pecados.

Pedro

Tem papel?

Belfort

Tome! E, não esqueça que o seu labirinto leva ao meu.

Pedro

Obrigado.

Belfort

Agradeça ao nosso Deus todo misericordioso.

Belfort sai. Pedro pega a caneta, o papel e começa a escrever.

Cena 4

Primeiro Plano.

Uma fogueira está acesa no meio da varanda. Bia chega arrastando um baú com livros, enquanto é acompanhada por Ivana.

Ivana

Não faça isso. Não acredito que tenha coragem. Para que essa loucura?

Bia

Loucura? Loucura foi deixar este veneno empestando minha casa, endoidando meu filho.

Ivana

São palavras...

Bia

Acha pouco?

Ivana

De que adianta?

Bia

É uma dor a menos por aquilo que deixei de fazer.

Ivana

É uma parte de Pedro que você está queimando.

Bia

A pior delas.

Ivana pega um livro.

Ivana

(Lendo) “Aprenda a desconfiar das palavras”, com carinho do Augusto Alvarez, teu pai. Fortaleza, 13 de agosto de 1951. Lembra disso?

Toma o livro.

Bia

É... foi o pai dele quem atirou a primeira pedra.

Vai rasgando as folhas do livro e colocando-as na fogueira.

Bia

Ma-ia-k-ó-vs-ki? Sabe quem é?

Ivana

Não faço nem idéia, mas se foi um presente do meu irmão deve ser coisa valiosa.

Bia

(Com o livro em punho) É mais um louco que não serve pra nada, aliás, neste baú louco é o que não falta. *(Vai dando volume à fogueira)* Escute aí: Be-cke-tti, Tro-tis-ki, Bla-que, Mar-xi, Bre-chi-t...

Ivana

Vai se arrepender.

Bia

(Doída ironia) Veja esse! Ba-ku-nin. Esse era o preferido do Augusto. *(Lê uma frase)* “A ânsia de destruir é a ânsia de criar”. Quanta besteira guardar palavras velhas.

Ivana

Não é direito.

Bia

Me deixe em paz, Ivana. Nem lágrimas tenho mais, se quer saber.

Longa pausa. Bia recomeça sua fogueira de livros. Ivana intervém.

Ivana

Bia, este é o caderno de notas do Pedro.

Bia

É?

Ivana

É! Não entregue ao esquecimento aquilo que só pertence a nós.

Bia

Teria sido melhor mil vezes que ele tivesse sido enterrado junto do pai.

Ivana

Pare de se castigar.

Bia

Não é isso, Iva. O que mais quero é colocar uma pedra sobre essa história. Peço todo dia para que meu filho esteja morto e rezo mais ainda para ter prova disso. O que não consigo é colocar a cabeça sobre o travesseiro e dormir sossegada. Fico imaginando...

Ivana

Não imagine.

Bia

E como? Acha que vivo neste barco afundado achando bom?

Ivana senta-se, rendida. Bia destaca as folhas do caderno de notas do Pedro.

Bia

Ouçã isso, Ivana. Veja o que ele escreveu.

Ivana

Não quero saber.

Paralelamente, Pedro aparece no segundo plano escrevendo.

Pedro

“Fortaleza, 11 de janeiro de 1962. Enfim, um Brasil mais justo e humano, parece dar seus primeiros passos. É uma pena que o meu pai não esteja aqui para saber que as coisas estão mudando.”

Bia joga, ao fogo, algumas folhas do caderno de notas.

Bia

Precisa ler isto, Ivana.

Ivana

Já disse que não.

Pedro

“Minha mãe não vai entender, se eu falar em luta armada. Ela será capaz de morrer ou de me amarrar no pé da cama”.

Bia

O que sabe esse desgraçado do amor de uma mãe?

Pedro

“Não se faz uma revolução sem correr perigo. O melhor é que elas fiquem sem saber de nada, que continuem inocentes...”

Joga outras folhas ao fogo.

Bia

(Para Ivana) Ele puxou ao pai, Iva. É turrão do mesmo jeito. *(Divagando)* Por que não pensou em mim, meu filho?

Pedro

“Se a gente pensa em família, não faz a revolução.”

Bia

E eu lá quero saber dessa doidice de revolução. Eu quero é você de volta, meu filho.

Pedro

“Sei que ela ainda tem minha tia. Uma há de se apoiar no ombro da outra, se a coisa melar”.

Bia

(Para Ivana) Pode dizer que maldita de revolução é essa que acaba com a família?

Pedro

“Nestes dias longos só lembro da sopa da minha tia... no fim da tarde. Fortaleza, 6 de dezembro de 1968.”

Bia joga o restante das folhas na fogueira. Pedro sai. Cai uma leve neblina.

Bia

Ele elogiou tua sopa, Iva.

Ivana

Vamos, Bia. É a chuva que vem vindo.

Bia

Já está na hora da gente entrar mesmo. É quase noite.

Ivana

Satisfeita, agora?

Bia

Espero que a chuva não apague a fogueira.

Ivana

Não se preocupe, livro queima rápido.

Bia

Aí uma vantagem que eu não sabia.

Ivana

Chega de maluquice. Vamos entrar. Deixe que a chuva leve as cinzas.

3º ATO

Cena 1

Boca da cena. Tempo Presente.

Cemitério.

Isaac e Belfort ainda pelem na partida de damas.

Belfort

Além de jogar damas com um velho desconhecido, o que você faz?

Isaac

Trabalho e trabalho.

Belfort

Não é o melhor dos divertimentos.

Isaac

É o que restou.

Belfort

Às vezes, tenho saudade...

Isaac

(Rindo) Do que, das moças? Hoje, as virgens são bichos em extinção.

Belfort

Falo sério.

Isaac

Eu também.

Belfort

Naquele tempo, a gente sabia quem era bom e quem era mau.

Isaac

Hoje é do mesmo jeito. Quem é bom está no mercado de trabalho. Quem é mau está no olho da rua. Desempregado.

Belfort

Estou falando de caráter.

Isaac

O senhor estava de que lado?

Belfort

Lutei pelo bem.

Isaac

Pelo bem? De quem?

Belfort

Do povo brasileiro.

Isaac

É uma luta difícil.

Belfort

A pior que há. A gente quer fazer o bem a todo custo. Convencer os outros não é fácil, principalmente quando falta a fé.

Isaac

Isso parece que leva tempo.

Belfort

As grandes obras não se faz em um dia. É a persistência que manda.

Isaac

Também não sou muito de igreja.

Belfort

Pois foi a fé que me fez fazer o bem sem olhar a quem.

Cena 2

Primeiro Plano. Tempo passado.

Sala de visita e jantar.

Bia veste uma roupa lúgubre. Ivana pronta para uma festa. Ambas sentem no corpo o peso da espera. Ivana está eufórica, ainda guarda uma grande esperança de festejar o retorno de Pedro. Bia alimenta a cultura de cactos.

Bia

Deixe de saçaricar. Desligue a metade dessas luzes. Tenha um pouco de juízo uma única vez na vida.

Ivana saçarica, dando retoques na maquiagem.

Bia

Aliás, faça o que você quiser. Você nunca me escuta, só faz o que quer mesmo. Digo uma coisa e você faz outra.

Entra Belfort à boca da cena. Vacila. Não sabe se vai embora ou afirma o que veio fazer. Pensa. Retira uma carta do bolso. Observa-a com atenção. Toca a campainha. Silêncio. Toca a campainha mais uma vez. Ivana e Bia se entreolham com olhos de quem ainda acredita em milagres. Silêncio. Belfort toca a campainha mais uma vez. Deixa a carta à porta e sai.

Ivana

Bia? Ouviu?

Bia

Ainda não perdi os ouvidos.

Ivana

E...

Bia

Vá você.

Ivana

Tá, eu atendo. Um minuto, já vou. Sim? Sim? Ora, que danação.

Ivana descobre a carta deixada no chão. Apanha.

Ivana

(Meio desolada, com a carta à mão) Biiia...

Bia

Diga Ivana. Viu alma, foi? Quem era?

Ivana

Ninguém...

Bia

Como ninguém? A campainha toca, e não é ninguém.

Ivana

Vai ver que eram os meninos...

Bia

A essa hora?

Ivana

E quem mais...

Bia

E isso em suas mãos?

Ivana, sem dar por conta que tinha a carta às mãos, tenta ocultá-la.

Ivana

Isso o quê?

Bia

Não esconda nada. Parece uma... carta?

Ivana

É?

Bia

É! É pra quem?

Ivana

Deve ser pra gente gastar dinheiro. Você não se interessa...

Bia

Propaganda de noite só no rádio, Iva. Deixe ver.

Ivana

(Guardando-a) Ah, a gente tem coisa mais importante pra se preocupar.

Bia

Me dá a carta...

Ivana

Mas Bia...

Bia enfatiza o pedido com gesto. Ivana entrega a carta. E aí, fica mais retraída e triste. Bia abre a carta num misto de medo e ansiedade.

Bia

(*Sentindo uma grande dor*) É dele Ivana, é do Pedro... Ó Deus!

Ivana.

(*Em lágrimas*) E o que diz a carta?

Pausa.

Bia

Ele tá preso.

Ivana

E agora?

Bia

Não sei mais em que acreditar.

Ivana

Não se pode fazer muita coisa.

Bia

Como não? Ficamos assim?

Ivana

Esperamos.

Bia

Esperar?

Ivana

Pode ser mentira, Bia. Querem que a gente esqueça dele. Isso nunca. Você não vai cair nesta lorota de carta. Amanhã... é amanhã.

Bia

É a letra do Pedro. (*Larga a carta em cima da mesa. Pega um xale, põe sobre os ombros. Pega o retrato do filho sobre a parede. Resoluta.*) Não vão tirar ele de mim. Isso nunca.

Ivana

(Intervém) O que pensa que vai fazer?

Bia

Vou arrancar ele, onde ele estiver.

Ivana

Como assim?

Bia

Vou atrás dele, Ivana.

Ivana

Não seja louca.

Bia

É a única coisa que tenho nessa vida.

Ivana

Não vai resolver nada.

Bia

Cuide da casa.

Ivana

E se ele aparecer de vez...

Bia

Será?

Ivana

É noite, sabia?

Bia

Não tenho mais nada que esperar.

Ivana

Acha que pode fazer algumas coisa? Não, não pode.

Bia

É tudo que posso e é tudo que devo fazer.

Ivana

Vamos esperar só mais esta noite...

Bia

Nem mais um minuto... Não deixe de cuidar dos cactos.

Ivana

Não acredito...

Bia resoluta, sai.

Ivana

(*Perplexa*) Não Bia, não vá, Bia. É isso que eles querem, acabar com tudo, com todos nós. (*Elevando a voz*) Bia, Bia, Bia...

Blecaute.

4º ATO

Cena 1

Boca da cena. Tempo presente.

Cemitério. O jogo continua.

Belfort

Acho que, dessa vez, empatamos.

Isaac

É?

Belfort

É, empate. Se quiser entrar pela noite será um prazer, mas a partida está empatada.

Isaac

Bem... empatar é melhor do que perder.

Belfort

Acho que encontrei um adversário a minha altura. Vamos mais uma para o tira-teima?

Isaac

Fica para uma próxima vez. Tenho que ir. Foi um prazer seu...

Belfort

Belfort.

Isaac

Então, até mais.

Belfort

Quando nos veremos de novo?

Isaac

Em outro lugar, talvez. Aqui não boto mais os pés. Chega de pensar no passado.

Belfort

É... a vida continua.

Isaac

Vamos nos encontrar qualquer dia desses.

Belfort

Se mudar de idéia, é só dar uma passada por aqui, à tarde, que vai me encontrar.

Isaac

Bem...

Belfort

Vá, vá, foi um prazer.

Isaac

Até mais, meu amigo.

Belfort

Ah... não se preocupe que não vai faltar flores para ele. Deixe que eu cuido, enquanto você não aparece.

Isaac

Ele gostava muito de cactos.

Belfort

Vai começar a gostar de flores.

Isaac

Obrigado.

Se despedem com um leve aperto de mão. Isaac sai. Belfort começa a guardar com lentidão seu jogo de damas. Belfort sai.

Cena 2

Tempo presente.

Entra Ana, que está mais velha, no mesmo ambiente deixado por Bia e Ivana. Está ansiosa. Não sabe direito o que fazer. Espera o retorno de Isaac, seu filho. Pega a carta que está sobre a mesa. Abre. Passa a vista. Fecha. Caminha de um lado para o outro. Isaac entra. Ana se apressa em esconder a carta.

Ana

Por que demorou tanto? Onde esteve? Sabe que não gosto que demore. A violência não manda recado. Devia tomar mais cuidado. Que mania. Não muda nunca. Falo, falo... e você não aprende nada.

Isaac

Quando vai parar de ver tragédia em tudo? Basta o vigia apitar, que a senhora fica assustada.

Ana

Só você que não vê...

Isaac

O que minha mãe?

Ana

O caos... mata-se por falta do que fazer.

Breve pausa.

Ana

(Aquietando-se) Como foi o dia?

Isaac

Passei pelo cemitério. Levei cactos, fiz uma limpeza. Estava precisando. Encontrei um velho boa praça, militar aposentado. Tem orgulho de ter lutado pela revolução...

Ana

Golpe, foi um golpe militar. E qual era o nome desse filho da puta?

Isaac

Be-be... Belizário, acho que era esse o nome dele. Não tenho certeza.

Ana

Deixa pra lá, muitos desses filhos da mãe, se é que tiveram mãe, não foram batizados.

Isaac

Batizado foi, ele era muito religioso.

Ana

Tá. E o trabalho?

Isaac

Hoje tivemos que demitir mais gente. O País não anda. O jeito é apertar o laço.

Ana

É essa ambição sem limite...

Isaac

Vai começar a missa marxista?

Ana

Há de melhorar. Não demos o nosso sangue para ver o Brasil assim.

Isaac

Pare de se preocupar com tudo, não pode fazer nada mesmo.

Ana

Essa miséria...

Isaac

De que adianta enfrentar gigantes com pedras na mão?

Ana

Seu pai...

Isaac

Enfrentou e perdeu.

Ana

Não ficou de braços cruzados. Lutou até o fim.

Isaac

Desaparecidos, desaparecidos... tudo virou estatística.

Ana

É de nós que vão lembrar quando mexerem de verdade no passado.

Isaac

Quem tem memória neste País? Só a senhora que ainda não esqueceu essa história.

Ana

É isso que eles querem, que a gente faça de conta que esqueceu, que nada existiu, isso não, isso nunca.

Isaac

E por que ninguém fala da traição contra o seu Pedro? Por que não vão saber da vida desses espertos, que continuam vivos, pousando de heróis contra a ditadura?

Ana

É mais uma mentira, meu filho. Seu pai não foi traído.

Isaac

E por que não? (*Silêncio*) Acorde, minha mãe. O tempo de glória não existe nem mais nos livros de História.

Ana

Por que você é tão...

Isaac

(*Papagueando-a*) Tão diferente do seu pai.

Ana

Não gosto como você fala.

Isaac

E como deveria?

Ana

Como um homem.

Isaac

Já disse que não nasci para mártir.

Ana

É essa falta de brio que acaba com tudo.

Isaac

Eu não caio nessa historinha de salvar o mundo.

Ana

Para você, tudo é normal. Você não se assusta com nada.

Isaac

Devia era agradecer por eu não ter essas maluquices na cabeça. (*Depois de uma curta pausa*) O que tem para comer?

Ana

A geladeira está cheia como sempre.

Isaac

Essa é uma coisa para agradecer toda noite e não ficar remoendo o passado. O passado já foi, dona Ana, não volta mais. É difícil entender isso?

Ana

É... é difícil, muito difícil, não pensar em seu pai... naquele monte de sonhos largados no meio da noite.

Isaac

(*Apaziguando*) Ô minha mãe, tome jeito. Ele nunca esteve entre nós.

Ana

Não é verdade.

Isaac

Quando vai abrir os olhos para ver que só temos um ao outro para tocar o barco?

Ana

Não desrespeite a memória do seu pai. Isso eu não admito.

Isaac

Não entenda mal o seu filho. Outro dia encontrei com o Henrique Gurjão. Lembra dele? Ele me abraçou como se fosse um filho. Encheu a boca de elogios para falar do seu Pedro. Falou da coragem, do companheiro e... e depois se foi, dando desculpas. Não deixou nem eu agradecer. Sabe quantas vezes já topei com o Gurjão? Sabe quantas vezes sentamos para conversar? (*Incômodo silêncio*) Nenhuma. Se o meu pai tivesse sido menos reto estaria aqui, rindo. Um herói vivo vale muito menos do que um herói morto, mas eu ia preferir o primeiro.

Ana

Ele não teve escolha.

Isaac

Preciso cair na cama.

Ana

(Depois de uma pequena pausa) Coma alguma coisa. Tem torradas salgadas como você gosta.

Isaac

Com um pouco de leite gelado cai bem.

Ana o serve com satisfação. Acaricia e beija-lhe a cabeça. A conversa segue espaçadamente.

Isaac

A senhora não muda nunca, minha mãe.

Ana

Nem você, meu filho, nem você.

Isaac

Sente ao meu lado.

Ana

Isaac!

Isaac

Não gosto quando fala neste tom de padre no confessionário.

Ana

Hoje, exatamente hoje, faz alguns anos da última vez que estive com seu pai. Era uma noite serena como esta. De repente tudo mudou. Nunca mais voltei a estar com ele.

Isaac

Descanse...

Ana

Isaac, escute. Encontrei uma carta que estava com a mãe do Pedro, sua avó.

Isaac

Mais uma que só conheci de nome e foto velha.

Ana

Isaac, é uma carta escrita por seu pai. Creio que foi a última. Quero que você leia. Era um tempo de guerra, mas bem mais alegre do que hoje. Leia e guarde com você. Depois, não tocaremos mais neste assunto, juro. Nunca mais, vou tentar. (*Ana entrega-lhe a carta.*) Boa noite, meu filho.

Isaac

Mãe... (*Depois de uma breve pausa*) Não vamos mais chorar.

Ana

(*Enxugando o rosto*) Não derramo mais uma lágrima.

Ana sai. Isaac continua comendo lentamente, enquanto manuseia com displicência o envelope. Termina a refeição. Levanta-se. Molha um pano para alimentar a cultura de cactos.

Isaac

(*Aos cactos*) E aí, tudo bem? Minha mãe não aprende que os tempos são outros. Não adianta discutir. É perda de tempo.

Exagera nos cuidados e fere o dedo nos espinhos. Leva o dedo à boca.

Isaac

Porra! É assim que agradecem a minha dedicação?

Distancia-se dos cactos. Pega a carta. Senta-se. Pensa. Acende um cigarro. Reflete e fuma. Abre o envelope. Com convicção metódica bota fogo na carta.

Isaac

Ao passado o que é do passado, Dona Ana.

Luz caindo lentamente sobre a carta em chamas.

Nota: Após a premiação, o autor considerou a possibilidade de realizar todas as cenas entre as personagens Bia e Ivana no mesmo espaço, o quarto de Pedro.